

O ROSTO NOTURNO

Joanyr de Oliveira

Bem longe do sol e de meu povo,
indaguei ao rosto soturno
sobre a marca das horas.

Um cão receberia o olhar,
palavras e blandícias talvez
do frígido ancião noturno.

O ferino silêncio sufocou-me.
Pensei nos negros do Alabama,
nos corações algemados.

Pensei nos sorrisos coagulados
sob iradas botas de fogo.
Pensei nos caninos pontiagudos.

Sou "brown" e estrangeiro.
Bebo o peso — nos olhos e na alma —
dos velhos ianques de pedra.

(Boston, 20.6.1993)

APASCENTO AS PALAVRAS...

Para Jean L. Longiand

Enquanto dorme o mundo,
apascento as palavras.
(Amo-as desde sempre,
desnudo-as, exploro-as
de todos os ângulos.
Incorporam-se lentamente
ao âmago de meu ser.)

Uns tantos se edificam
na destreza das mãos
outros colhem medalhas
na alegria do rosto,
terceiros conquistam
coisas mínimas ou pessoas
(Eu fico com as palavras.)

Rolamos sobre a noite
nossas luminosas loucuras.
Ninguém jamais entenderá...
Para nada servimos, dirão.
("Para que tanto, se bastam
onomatopéias e olhares?",
enganam-se as pessoas.)

Os andarilhos proclamam
a extensão de seus pés;
os cegos divinizam as narinas

e o tato, nas pontas dos dedos.
Outros lavram a terra.
(Nós apenas fluímos.)

As palavras do poeta se amam
a resplandecem em segredo.
(Enquanto dorme o mundo.)
Então, nos embriagamos.
E revogamos todas as coisas.
E tornamo-nos um só corpo.
(Nunca nos deixaremos...)

Joanyr de Oliveira